

“O conto inteiro não é plausível”, disse Edward. “Isso é literatura ideológica, não é uma história real sobre gente de verdade.”

Algo murchou dentro de Ujunwa. Edward ainda estava falando. É claro que ele tinha que admirar a escrita em si, dizendo que era ma-ra-vi-lho-sa. Ele a observava, e foi a expressão de triunfo nos olhos dele que fez com que ela se levantasse e começasse a rir. Os participantes olharam para ela, atônitos. Ujunwa riu, riu, riu, enquanto eles olhavam. Afinal, ela pegou seus papéis. “Uma história real sobre gente de verdade?”, repetiu, encarando Edward. “A única coisa que eu não acrescentei à história foi que, depois que eu deixei minha colega e saí da casa do *hadji*, entrei no jipe e insisti para que o motorista me levasse para casa, porque eu sabia que aquela era a última vez que ia andar nele.”

Havia outras coisas que Ujunwa queria dizer, mas não disse. Havia lágrimas brotando em seus olhos, mas ela não deixou que caíssem. Estava ansiosa para ligar para a mãe e, enquanto caminhava na direção de seu bangalô, perguntou-se se este final, num conto, seria considerado plausível.

No seu pescoço

Você pensava que todo mundo nos Estados Unidos tinha um carro e uma arma; seus tios, tias e primos pensavam o mesmo. Logo depois de você ganhar a loteria do visto americano, eles lhe disseram: daqui a um mês, você vai ter um carro grande. Logo, uma casa grande. Mas não compre uma arma como aqueles americanos.

Batalhões deles entraram no quarto em Lagos que você dividia com seus pais e três irmãos, apoiando-se nas paredes sem pintura porque não havia cadeiras para todos, para se despedir em voz alta e lhe dizer, em voz baixa, o que queriam que você lhes enviasse. Em comparação com o carro grande e a casa grande (e talvez com a arma), as coisas que desejavam eram simples — bolsas, sapatos, perfumes, roupas. Você disse tudo bem, sem problema.

Seu tio que morava nos Estados Unidos, aquele cujo nome estava na ficha de todos os membros da família para a loteria do visto americano, disse que você podia ir morar com ele até se ajeitar. Ele a buscou no aeroporto e comprou para você um

enorme cachorro-quente com mostarda amarela que a deixou enjoada. “Introdução aos Estados Unidos”, disse, rindo. Seu tio morava numa pequena cidade de gente branca no Maine, numa casa construída trinta anos antes, perto de um lago. Ele contou que a empresa para a qual trabalhava lhe oferecera alguns milhares de dólares a mais do que o salário médio anual, além de participação nos lucros, porque estava desesperada para mostrar diversidade nas contratações. Eles incluíam uma foto do seu tio em todos os folhetos, mesmo naqueles que não tinham nada a ver com a unidade dele. Ele riu e disse que o emprego era bom, e que valia morar numa cidade só com gente branca, apesar de sua esposa ter que dirigir uma hora até encontrar um salão que soubesse cuidar de cabelo crespo. O truque era entender os Estados Unidos, saber que, ali, é dando que se recebe. Você dava muito, mas recebia muito também.

Seu tio lhe mostrou como se candidatar a uma vaga de operadora de caixa no posto de gasolina da rua principal e matriculou você numa faculdade comunitária, onde as garotas tinham coxas grossas, usavam esmalte vermelho vivo e um bronzeador artificial que as deixava com a pele laranja. Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas. Seu tio lhe disse que aquilo era esperado; uma mistura de ignorância e arrogância, foi como ele definiu. Então ele contou como seus vizinhos comentaram, alguns meses depois que ele se mudou, que os esquilos haviam começado a desaparecer naquela área. Disseram que tinham ouvido falar que os africanos comiam todo tipo de animal selvagem.

Você ria com seu tio e se sentia à vontade na casa dele; a esposa dele a chamava de *nwanne*, irmã, e seus dois filhos em idade escolar a chamavam de “titia”. Eles falavam igbo e comiam *gari* de almoço, e era como estar em casa. Até que seu tio entrou no porão apertado onde você dormia ao lado de caixas e embalagens velhas e puxou-a com força para perto dele, apertando sua bunda, soltando gemidos. Ele não era seu tio de verdade; na verdade, ele era irmão do marido da irmã de seu pai, não parente de sangue. Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama — a casa era dele, afinal de contas —, sorriu e disse que você não era mais criança, já tinha vinte e dois anos. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York?

Você se trancou no banheiro até que ele voltasse para cima e, na manhã seguinte, você foi embora, caminhando pela longa estrada tortuosa, sentindo o cheiro dos peixes no lago. Viu quando ele passou de carro — ele sempre deixava você no trabalho — e não buzinou. Perguntou-se o que diria para a mulher para explicar sua partida. E lembrou do que ele dissera sobre o fato de que, nos Estados Unidos, é dando que se recebe.

Você foi parar em Connecticut, em outra cidadezinha, pois ela era a última parada do ônibus Greyhound que pegou. Entrou no restaurante com o toldo limpo e brilhante e disse que trabalharia por dois dólares a menos por hora do que as outras garçonetes. O gerente, Juan, tinha cabelos negros retintos e sorriu, mostrando um dente de ouro. Disse que nunca tinha tido um funcionário da Nigéria, mas que todos os imigrantes trabalhavam duro. Ele sabia bem, pois já tinha estado naquela situação. Disse que lhe pagaria um dólar a menos, mas por fora; não gostava de todos aqueles impostos que lhe obrigavam a pagar.

Você não tinha dinheiro para fazer faculdade, pois agora pagava aluguel pelo quartinho minúsculo com o tapete manchado. Além disso, a cidadezinha de Connecticut não tinha uma universidade comunitária, e os créditos na universidade estadual eram caros demais. Então você ia à biblioteca pública, olhava a bibliografia das aulas nos sites das universidades e lia alguns dos livros. Às vezes, ficava sentada no colchão cheio de bolotas de sua bicama e pensava no seu país — nas suas tias que vendiam peixe seco e banana-da-terra na rua, adulando os passantes para que comprassem com elas e logo gritando insultos para aqueles que recusavam; nos seus tios, que bebiam o gim nacional e espremiavam suas famílias e suas vidas em apenas um cômodo; nos amigos que tinham vindo se despedir de você, se regozijando porque você havia ganhado a loteria do visto americano, confessando a inveja que sentiam; nos seus pais, que muitas vezes davam as mãos quando caminhavam para a igreja no domingo de manhã, fazendo com que os vizinhos rissem e brincassem com eles; em sua mãe, cujo salário mal dava para pagar os estudos dos seus irmãos na escola de ensino médio onde os professores davam nota dez para quem lhes passava um envelope de papel pardo.

Você nunca precisara pagar por um dez, nunca tinha passado um envelope para um professor no ensino médio. Mesmo assim, escolheu envelopes compridos de papel pardo para enviar metade de seus ganhos mensais para seus pais, colocando o endereço da paraestatal onde sua mãe trabalhava como faxineira; sempre usava as notas de dólares que Juan lhe dava, pois elas eram novinhas, ao contrário das gorjetas. Todos os meses. Você embrulhava o dinheiro com cuidado em papel branco, mas não escrevia uma carta. Não havia sobre o que escrever.

Algumas semanas depois, no entanto, quis escrever, pois tinha histórias para contar. Quis escrever sobre a surpreenden-

te franqueza das pessoas nos Estados Unidos, sobre como elas pareciam ansiosas para lhe falar da luta de sua mãe contra o câncer, sobre o bebê prematuro da cunhada, o tipo de coisa que a gente devia esconder ou revelar apenas para os parentes que nos queriam bem. Quis escrever sobre como as pessoas deixavam tanta comida nos pratos e largavam algumas notas de um dólar amassadas sobre a mesa, como se fosse uma oferenda, uma expiação pela comida desperdiçada. Quis escrever sobre a criança que começou a chorar, puxar os cabelos louros e empurrar os cardápios da mesa e, em vez de os pais a obrigarem a calar a boca, imploraram para que ficasse quieta, uma criança de no máximo cinco anos de idade, até que acabaram levantando e indo embora. Quis escrever sobre as pessoas ricas que usavam roupas esfarrapadas e tênis puídos, que pareciam os vigias noturnos das grandes propriedades de Lagos. Quis escrever que os americanos ricos eram magros e os pobres, gordos, e que muitos não tinham uma casa e um carro grandes; mas você ainda não sabia se tinham armas, pois podiam estar com elas escondidas dentro dos bolsos.

Não foi só para seus pais que quis escrever, mas também para seus amigos, seus primos, suas tias e tios. Mas nunca tinha dinheiro o suficiente para comprar perfumes, roupas, bolsas e sapatos para todos e ainda assim pagar o aluguel com o que ganhava como garçom e, por isso, não escreveu para ninguém.

Ninguém sabia onde você estava, pois você não contou. Às vezes, você se sentia invisível e tentava atravessar a parede entre o seu quarto e o corredor e, quando batia na parede, ficava com manchas roxas nos braços. Certa vez, Juan perguntou se você tinha um namorado violento, pois ele daria um jeito nele, e você deu uma risada misteriosa.

À noite, algo se enroscava no seu pescoço, algo que por muito pouco não lhe sufocava antes de você cair no sono.

Muitas pessoas no restaurante perguntavam quando você tinha chegado da Jamaica, pois achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro era jamaicano. Alguns que adivinhavam que você era africana diziam que adoravam elefantes e queriam fazer um safári.

Por isso, quando ele lhe perguntou, na meia-luz do restaurante, depois de você listar os especiais do dia, de que país africano viera, você disse Nigéria e esperou que ele dissesse que tinha doado dinheiro para a luta contra a aids no Botsuana. Mas ele perguntou se você era iorubá ou igbo, pois não tinha cara de fulani. Você ficou surpresa — achou que ele devia ser professor de antropologia na universidade estadual, um pouco jovem para isso com seus vinte e muitos anos talvez, mas quem sabe? Igbo, respondeu. Ele perguntou seu nome e disse que Akunna era bonito. Não perguntou o significado, felizmente, pois você estava cansada de ouvir as pessoas dizerem “Fortuna do pai? Tipo, seu pai vai vender você para um marido para fazer fortuna?”.

Ele lhe contou que já estivera no Gana, em Uganda e na Tanzânia, que adorava os poemas de Okot p’Bitek e os romances de Amos Tutuola e que lera muito sobre os países subsaarianos, sua história, suas complexidades. Você tentou desdenhá-lo, e mostrar isso ao trazer o pedido dele, pois os brancos que gostavam demais da África e os que gostavam de menos eram iguais — condescendentes. Mas ele não balançou a cabeça com um ar superior como fizera o professor Cobbledick lá na faculdade particular do Maine, durante uma discussão da turma sobre a descolonização da África. Não tinha aquela expressão do professor Cobbledick, de uma pessoa que se achava melhor que os povos que conhecia. Ele voltou no dia seguinte, sentou na mesma mesa e, quando você perguntou se o frango estava bom, quis

saber se você tinha sido criada em Lagos. Voltou no terceiro dia e começou a falar antes de fazer o pedido, sobre como tinha ido a Mumbai e agora queria ir a Lagos, para ver como as pessoas de verdade viviam, tipo nas favelas, pois nunca fazia aquelas coisas bobas de turista quando viajava. Ele falou, falou, e você foi obrigada a dizer que ficar conversando era contra as regras do restaurante. Ele tocou sua mão quando você colocou o copo d’água sobre a mesa. No quarto dia, quando você o viu chegar, disse a Juan que não queria mais servir aquela seção. Quando seu turno acabou naquela noite, ele estava esperando do lado de fora, com fones enfiados nos ouvidos, pedindo que você saísse com ele porque seu nome rimava com *hakuna matata* e *O Rei Leão* era o único filme sentimental do qual já tinha gostado na vida. Você não sabia o que era *O Rei Leão*. Olhou para ele sob a luz forte e notou que seus olhos eram da cor de azeite extra virgem, um dourado esverdeado. Azeite extra virgem era a única coisa que você amava, de verdade, nos Estados Unidos.

Ele estava no último ano da universidade estadual. Disse quantos anos tinha e você perguntou por que ele ainda não havia se formado. Ali eram os Estados Unidos, afinal de contas, não era como na Nigéria, onde as universidades fechavam com tanta frequência que as pessoas acrescentavam três anos ao tempo normal de curso e os professores faziam greve após greve, mas mesmo assim não recebiam. Ele respondeu que tinha tirado dois anos de férias para se encontrar e viajar, quase sempre para a África e a Ásia. Você perguntou onde ele acabou se encontrando e ele riu. Você não riu. Você não sabia que as pessoas podiam simplesmente escolher não estudar, que as pessoas podiam mandar na vida. Você estava acostumada a aceitar o que a vida dava, a escrever o que a vida ditava.

Durante os quatro dias seguintes, você não quis sair com ele, pois se sentia desconfortável com a maneira como ele olhava

para o seu rosto, aquele jeito intenso, faminto, de olhar para o seu rosto, que a fazia dizer adeus, mas também sentir-se relutante em se afastar. E então, na quinta noite, você entrou em pânico ao ver que ele não estava parado na porta no fim do seu turno. Rezou pela primeira vez em muito tempo e, quando ele apareceu por trás e disse oi, você disse que sim, queria sair com ele, mesmo antes de ele perguntar. Estava com medo de ele não perguntar de novo.

No dia seguinte, ele levou você para jantar no Chang's e seu biscoito da sorte tinha duas tirinhas de papel. As duas estavam em branco.

Você soube que finalmente estava confortável quando contou para ele que assistia a *Jeopardy* na televisão do restaurante e torcia para as seguintes categorias, nessa ordem: mulheres negras, homens negros e mulheres brancas, e homens brancos por último — o que significava que nunca torcia para os homens brancos. Ele riu e disse que estava acostumado a não ter ninguém torcendo por ele, pois sua mãe era professora de estudos feministas.

E você soube que vocês tinham se tornado próximos quando disse a ele que seu pai na verdade não era professor em Lagos, mas trabalhava como motorista de uma construtora. E contou daquele dia em que estavam no trânsito de Lagos, no Peugeot 504 velho que seu pai dirigia; chovia e seu assento estava molhado por causa do buraco no teto carcomido pela ferrugem. O trânsito estava pesado, o trânsito sempre era pesado em Lagos e, quando chovia, ficava um caos. As estradas se transformavam em poças de lama, os carros atolavam e alguns de seus primos saíam e ganhavam algum dinheiro desatolando-os. Foram a chuva e aquele clima de pântano, você pensava, que fizeram seu pai pi-

sar no freio tarde demais naquele dia. Você ouviu a batida antes de senti-la. O carro que seu pai atingiu era grande, importado e verde-escuro, com faróis dourados que pareciam os olhos de um leopardo. Seu pai começou a chorar e implorar antes mesmo de sair do carro e se prostrar na estrada, fazendo muitas buzinas soarem. Desculpe, senhor, desculpe, senhor, entoava ele. Se o senhor me vender junto com minha família, não vai conseguir comprar nem um pneu do seu carro. Desculpe, senhor.

O homem poderoso sentado no banco de trás não saiu, mas seu motorista sim, examinando os danos, olhando para o corpo estatelado de seu pai pelo canto dos olhos, como se aquela súplica fosse pornográfica, uma performance da qual tinha vergonha de admitir estar gostando. Por fim ele deixou seu pai ir embora. Acenou para que ele fosse. As buzinas dos outros carros soaram, os motoristas xingaram. Quando seu pai voltou para o carro, você se recusou a olhar para ele, pois ele estava como os porcos que chafurdavam na lama no entorno do mercado. Seu pai parecia *nsi*. Merda.

Depois que você contou isso, ele fez um biquinho, segurou sua mão e disse que entendia como você se sentia. Você tirou a mão dali, subitamente irritada, pois ele achava que o mundo era, ou devia ser, cheio de pessoas como ele. Você disse que não havia nada para entender, era assim e pronto.

Ele encontrou a loja de produtos africanos nas páginas amarelas de Hartford e levou você até lá de carro. Pela intimidade com que andou pela loja, virando a garrafa de vinho de palma para ver quanto sedimento havia nela, o dono ganense perguntou se ele era africano, como os quenianos e sul-africanos brancos, e ele disse que era, mas estava nos Estados Unidos há muito tempo. Ele pareceu satisfeito por ter enganado o dono. Você co-

zinhos naquela noite com as coisas que comprou e, depois que ele comeu *garri* e sopa de *onugbu*, vomitou na sua pia. Mas você não se importou, pois agora ia poder fazer sopa de *onugbu* com carne.

Ele não comia carne porque achava errado o método com o qual matavam animais; dizia que, por causa do método, toxinas do medo eram despejadas na corrente sanguínea dos animais e que essas toxinas deixavam as pessoas paranoicas. Na Nigéria, os pedaços de carne que você comia, quando havia carne, eram do tamanho de metade de um dedo. Mas você não contou isso para ele. Também não contou que os cubos de *dawadawa* que sua mãe colocava em tudo o que cozinhava, pois curry e tomilho eram caros demais, continham glutamato monossódico, eram glutamato monossódico. Ele dizia que glutamato monossódico causava câncer, e que era por isso que gostava do Chang's; no Chang's, eles não cozinhavam com glutamato monossódico.

Certa vez, no Chang's, ele disse ao garçom que tinha ido recentemente a Xangai e que falava um pouco de mandarim. O garçom ficou animado, falou qual era a melhor sopa e depois perguntou: "Você tem namorada em Xangai agora?". Ele deu um sorriso, sem dizer nada.

Você perdeu o apetite, como se houvesse algo entupido no fundo do seu peito. Naquela noite, você não gemeu quando ele estava dentro de você, você mordeu os lábios e fingiu que não tinha gozado, porque sabia que ele ia se preocupar. Mais tarde, contou para ele por que estava chateada, dizendo que, apesar de vocês irem ao Chang's juntos com tanta frequência, apesar de terem se beijado logo antes de o garçom trazer os cardápios, aquele chinês presumiu ser impossível que você fosse namorada dele, e ele apenas sorriu, sem dizer nada. Antes de pedir desculpas, ele olhou para você com uma expressão vaga, e você soube que ele não tinha entendido.

* * *

Ele lhe comprava presentes e, quando você disse que se preocupava com o gasto, ele contou que seu avô de Boston fora um homem rico, acrescentando depressa que o velho doara boa parte da fortuna e que, por isso, sua herança não era imensa. Os presentes dele deixavam você perplexa. Uma bola de vidro do tamanho de um punho que você sacudia para ver uma boneca curvilínea e minúscula girar dentro dela. Uma pedra brilhante cuja superfície assumia a cor de tudo que a tocava. Um lenço caro pintado à mão no México. Afinal você disse para ele, com uma voz alongada de ironia, que, na sua vida, presentes sempre eram coisas úteis. A pedra, por exemplo, teria funcionado se fosse possível moer coisas com ela. Ele riu muito, por um bom tempo, mas você não riu. Entendeu que, na vida que ele levava, era possível comprar presentes que eram só presentes e mais nada, nada de útil. Quando ele começou a comprar sapatos, roupas e livros para lhe dar, você pediu a ele que não fizesse mais isso, disse que não queria presente nenhum. Ele continuou a comprá-los e você os guardou para dar para seus primos, seus tios e suas tias, quando, um dia, pudesse ir visitá-los, embora não soubesse como poderia um dia comprar uma passagem e pagar o aluguel. Ele disse que queria muito conhecer a Nigéria e podia comprar passagens para vocês dois. Você não queria que ele pagasse para você visitar seu próprio país. Não queria que ele fosse à Nigéria, que a acrescentasse à lista de países que ele visitava para admirar-se com as vidas dos pobres que jamais poderiam admirar a vida *dele*. Você disse isso a ele num dia ensolarado em que ele a levou para conhecer o Estuário de Long Island, e vocês dois discutiram, erguendo as vozes ao caminhar na beira da água calma. Ele afirmou que você estava errada em dizer que ele tinha orgulho demais de suas próprias virtudes. Você retru-

cou que ele estava errado em dizer que só os indianos pobres de Mumbai eram indianos de verdade. Será que ele achava que não era americano de verdade, já que não era um daqueles gordos pobres que vocês tinham visto em Hartford? Ele saiu correndo para longe de você, com a pele branca à mostra da cintura para cima, os chinelos jogando a areia no ar, mas então voltou e estendeu a mão para você. Vocês fizeram as pazes, fizeram amor e passaram a mão nos cabelos um do outro, o dele macio e louro como a palha do milho que cresce balançado ao vento, o seu escuro e elástico como o forro de um travesseiro. Ele pegou sol demais e sua pele ficou da cor de uma melancia madura, e você beijou suas costas antes de passar hidratante nelas.

Aquilo que se enroscava ao redor do seu pescoço, que quase sufocava você antes de dormir, começou a afrouxar, a se soltar.

Pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram anormais — o jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam, os homens negros que balançavam a cabeça para você, as mulheres negras com pena nos olhos, lamentando sua falta de autoestima, seu desprezo por si mesma. Ou as mulheres negras que davam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demais para perdoar você, dizendo oi para ele de maneira excessivamente óbvia; os homens e mulheres brancos que diziam “Que casal bonito” num tom alegre demais, alto demais, como se quisessem provar para si próprios que tinham a mente aberta.

Mas os pais dele eram diferentes; quase fizeram você acreditar que era tudo normal. A mãe disse que ele nunca tinha apresentado uma garota para eles, com exceção daquela que levara ao baile de formatura do ensino médio, e ele deu um sorriso

forçado e apertou sua mão. A toalha da mesa cobria suas mãos dadas. Ele apertou a sua e você apertou de volta, perguntando-se por que ele estava tão tenso, por que seus olhos cor de azeite extra virgem ficavam mais escuros quando ele se dirigia aos pais. A mãe dele se encantou quando perguntou se você já tinha lido Nawal el Saadawi e você disse que sim. O pai dele perguntou se a comida nigeriana se parecia com a indiana e brincou que você ia pagar a conta. Você olhou para eles e se sentiu grata por não a examinarem como a um troféu exótico, uma presa de marfim.

Depois, ele falou dos problemas que tinha com os pais, da maneira como eles distribuíam seu amor como se este fosse um bolo de aniversário, e que dariam um pedaço maior se ele estudasse direito. Você quis ser solidária. Mas, em vez disso, sentiu raiva.

Sentiu mais raiva quando ele contou que tinha se recusado a passar uma ou duas semanas com os pais no Canadá, na casinha de verão que tinham na costa do Quebec. Eles haviam até dito a ele para que convidasse você. Ele lhe mostrou fotos da casinha e você se perguntou por que chamava aquilo de casinha, já que, no seu bairro na Nigéria, as construções daquele tamanho eram ou bancos, ou igrejas. Você deixou cair um copo que se espatifou no assoalho de madeira do apartamento dele, e ele perguntou se tinha alguma coisa errada e você não disse nada, apesar de sentir que havia muita coisa errada. Mais tarde, no chuveiro, você começou a chorar. Observou a água diluir suas lágrimas, sem saber por que estava chorando.

Finalmente, você escreveu para casa. Era uma carta curta para seus pais, enfiada no meio das notas novas de dólar, e você escreveu seu endereço. Recebeu uma resposta poucos dias mais tarde, enviada pelo meio de entrega mais rápido. Sua mãe escre-

veu a carta ela própria; você soube pela letra fina, pela ortografia errada.

Seu pai estava morto; simplesmente caiu sobre o volante do carro da empresa. Há cinco meses, escreveu ela. Eles tinham usado parte do dinheiro que ela enviara para dar a ele um bom funeral: mataram um bode para os convidados do velório e compraram um bom caixão. Você se enroscou na cama, apertou os joelhos contra o peito e tentou lembrar o que estava fazendo quando seu pai morreu, o que tinha feito durante todos aqueles meses em que ele já estava morto. Talvez seu pai tivesse morrido no dia em que você sentiu calafrios pelo corpo todo, ficando com os pelos duros como grãos de arroz crus, sem saber explicar por quê, no dia em que Juan brincou que você devia ficar no lugar do cozinheiro, para poder se esquentar com o calor da cozinha. Talvez seu pai houvesse morrido num dos dias em que você dirigiu até a cidade de Mystic, ou assistiu a uma peça em Manchester, ou jantou no Chang's.

Ele abraçou-a enquanto você chorava, fez carinho no seu cabelo e se ofereceu para pagar sua passagem, para ir com você ver sua família. Você disse que não, que precisava ir sozinha. Ele perguntou se você ia voltar, e você lembrou a ele que tinha um *green card* e que ia perdê-lo se não voltasse em menos de um ano. Ele disse que você sabia o que ele queria dizer, você ia voltar, voltar mesmo?

Você virou de costas e não disse nada e, quando ele a levou de carro ao aeroporto, você abraçou-o apertado por um longo, longo momento, e depois soltou.

A embaixada americana

Ela estava na fila diante da embaixada americana em Lagos, olhando fixamente para a frente, quase imóvel, com uma pasta azul cheia de documentos enfiada debaixo do braço. Era a quadragésima oitava pessoa numa fila de cerca de duzentas, que ia dos portões fechados da embaixada americana até os portões menores e cobertos de hera da embaixada tcheca. Ela ignorou os jornaleros que usavam apitos e enfiavam exemplares do *The Guardian*, do *The News* e do *The Vanguard* na sua cara. E também os mendigos que andavam para cima e para baixo estendendo pratos esmaltados. E ainda as bicicletas dos sorveteiros, que buzonavam. Ela não se abanou com uma revista ou tentou estapear a mosca minúscula que vojava perto de sua orelha. Quando o homem parado atrás dela cutucou suas costas e perguntou: "Você tem troco, *abeg*, troca uma nota de vinte nairas por duas de dez?", ela teve que olhá-lo durante algum tempo, para se concentrar, para lembrar onde estava, antes de balançar a cabeça e responder: "Não".

O calor úmido deixava o ar pesado. Pressionava sua cabeça, tornava ainda mais difícil manter a mente vazia, coisa que o

dr. Balogun lhe dissera ontem que era preciso fazer. O médico se recusara a lhe dar mais tranquilizantes, pois ela precisava estar alerta durante a entrevista do visto. Era fácil para ele dizer isso, como se ela soubesse como manter a mente vazia, como se estivesse a seu alcance, como se ela evocasse intencionalmente aquelas imagens do corpo pequeno e gorducho de seu filho Ugonna desabando diante dela, com uma mancha no peito tão vermelha que ela quis lhe dar uma bronca por brincar com o dendê que estava na cozinha. Não que Ugonna conseguisse alcançar a prateleira onde ela guardava os azeites e os temperos, não que conseguisse abrir a tampinha da garrafa plástica de dendê. Só tinha quatro anos de idade.

O homem atrás dela voltou a cutucá-la. Ela estremeceu e esteve a ponto de gritar por causa da dor aguda que lhe percorreu as costas. Distensão muscular, dissera o dr. Balogun, com uma expressão de espanto por ela não ter sofrido nada mais sério depois de pular da varanda.

“Veja o que aquele soldado inútil está fazendo”, disse o homem atrás dela.

Ela se virou para olhar para o outro lado da rua, movendo o pescoço devagar. Uma pequena multidão se formara. Um soldado estava açoitando um homem de óculos com um longo chicote que serpenteava no ar antes de estalar sobre o rosto do homem, ou sobre seu pescoço, ela não tinha certeza, pois as mãos dele estavam erguidas, como se ele quisesse afastar o chicote. Ela viu quando os óculos do homem escorregaram e caíram no chão. Viu o calcanhar da bota do soldado esmagar a armação negra, as lentes escuras.

“Veja como o povo implora para o soldado”, disse o homem ali atrás. “Nosso povo ficou acostumado demais a implorar para soldados.”

Ela não disse nada. Ele insistia em ser amigável, ao contrá-

rio da mulher à frente, que dissera mais cedo: “Eu falo com você e você só me olha que nem uma vaca pastando!”, e então passara a ignorá-la. Talvez o homem se perguntasse por que ela não participava da intimidade que surgira entre as outras pessoas da fila. Já que todos tinham acordado cedo — sendo que alguns nem tinham dormido — para chegar à embaixada americana antes do amanhecer; já que todos tinham chegado com dificuldade à fila do visto, desviando dos chicotes dos soldados que estalavam no ar enquanto eram levados para a frente e para trás como uma manada, até que a fila afinal se formara; já que todos temiam que a embaixada americana pudesse decidir não abrir os portões naquele dia, de modo que tivessem que fazer tudo de novo depois de amanhã, porque ela não funcionava às quartas, eles haviam feito amizade. Homens e mulheres discretos trocavam jornais e denúncias sobre o governo do general Abacha, enquanto jovens de jeans, transbordando *savoir-faire*, trocavam dicas sobre como responder às perguntas de quem queria obter um visto de estudante para os Estados Unidos.

“Olhe para o rosto dele, está todo sangrando. O chicote cortou o rosto dele”, disse o homem atrás dela.

Ela não olhou, pois sabia que o sangue seria vermelho, como azeite de dendê fresco. Em vez disso, olhou para a Eleke Crescent, uma rua tortuosa com várias embaixadas com gramados vastos, e para a multidão em ambos os lados da rua. Uma calçada viva. Um mercado que brotava durante o funcionamento da embaixada americana e desaparecia quando ela fechava. Ali estava o local que alugava cadeiras, cujas pilhas de cadeiras brancas de plástico, que custavam cem nairas por hora, diminuía depressa. Ali estavam as tábuas de madeira apoiadas em blocos de cimento, com amostras coloridas de doces, mangas e laranjas. Ali estavam os jovens que colocavam bandejas cheias de cigarros na cabeça, amortecendo o peso com rolos de tecido. Ali estavam os

mendigos cegos levados pelas mãos por crianças, recitando bênçãos em inglês, iorubá, inglês pidgin, igbo, hausa, quando alguém pingava algum dinheiro em seus pratos. E ali estava, é claro, um improvisado estúdio de fotografia. Um homem alto parado ao lado de um tripé, segurando uma placa escrita a giz que dizia: "FOTOS EXCELENTES REVELADAS EM UMA HORA, ESPECIFICAÇÕES CORRETAS PARA O VISTO AMERICANO". Ela havia tirado a foto de seu passaporte ali, sentada num banco bambo, e não sentira surpresa ao ver que a fotografia estava granulada, e o tom de pele do seu rosto muito mais claro do que era. Mas não tivera escolha, teria sido impossível para ela tirar a foto mais cedo.

Há dois dias, ela havia enterrado seu filho num túmulo ao lado de um canteiro na cidade natal de seus ancestrais, Umunnachi, cercada pelos pêsames de pessoas de quem não se lembrava mais. Um dia antes, levava seu marido no porta-malas do Toyota deles até a casa de um amigo, que o tirara clandestinamente do país. E, dois dias antes, não precisava de uma foto de passaporte; sua vida era normal e ela havia levado Ugonna à escola, comprado uma salsicha empanada para ele no Mr. Biggs, cantado junto quando uma música de Majek Fashek tocara no rádio de seu carro. Se uma vidente houvesse lhe dito que ela, dentro de dois dias, não iria mais reconhecer a própria vida, ela teria dado risada. Talvez até desse dez nairas extras para a vidente, por ter uma imaginação tão fértil.

"Às vezes, eu me pergunto se os funcionários da embaixada americana olham pela janela e se divertem vendo os soldados chicoteando as pessoas", disse o homem atrás dela. Ela desejou que ele calasse a boca. Era o fato de ele estar falando que tornava mais difícil manter a mente vazia, livre de Ugonna. Ela olhou para o outro lado da rua de novo; o soldado estava se afastando agora, e mesmo daquela distância era possível ver o ódio em seu rosto. O ódio de um homem feito que podia açoitar outro ho-

mem feito se quisesse, quando quisesse. A postura dele era tão arrogante quanto a dos homens que, há quatro noites, haviam arrombado sua porta dos fundos e invadido sua casa.

Onde está seu marido? Onde está ele? Perguntaram, escancarando os guarda-roupas dos dois quartos, inclusive as gavetas. Ela poderia ter dito que seu marido tinha mais de um metro e oitenta de altura, que jamais caberia numa gaveta. Três homens de calças pretas. Cheiravam a álcool e sopa de pimenta e, muito mais tarde, quando ela segurava o corpo inerte de Ugonna, soube que jamais tomaria sopa de pimenta de novo.

Para onde seu marido foi? Para onde? Eles apertaram uma arma contra sua cabeça e ela disse: "Eu não sei, ele foi embora ontem", ela disse sem se mover, embora a urina morna lhe escorresse pelas pernas.

Um deles, aquele com a camisa preta de capuz, o que exalava o cheiro mais forte de álcool, tinha olhos absurdamente injetados, tão vermelhos que pareciam doloridos. Foi ele quem mais gritou, quem chutou a televisão. *Você ouviu falar da matéria que seu marido escreveu no jornal? Sabia que ele é um mentiroso? Sabia que gente que nem ele devia estar na cadeia, pois eles causam problemas, pois não querem ver a Nigéria progredir?*

Ele sentou no sofá, no lugar que seu marido sempre ocupava para assistir ao noticiário na NTA, e puxou-a, obrigando-a a se sentar desajeitadamente em seu colo. Sua arma lhe cutucou a cintura. *Mulher gostosa, por que se casou com um encrunqueiro?* Ela sentiu sua rigidez repugnante, o cheiro de fermentação em seu hálito.

Deixe a mulher em paz, disse o outro, aquele com a careca que brilhava, como se tivesse passado vaselina. *Vamos embora.*

Ela se soltou com dificuldade e levantou do sofá, e o homem de camisa com capuz, ainda sentado, deu-lhe um tapa no traseiro. Foi então que Ugonna começou a chorar, correndo até ela.

O homem de camisa com capuz estava rindo, dizendo como o corpo dela era macio, brandindo a arma. Ugonna começou a gritar; ele nunca gritava quando chorava, não era esse tipo de criança. Então a arma disparou e o dendê surgiu no peito de Ugonna.

“Veja, eu tenho laranjas”, disse o homem atrás dela na fila. E ofereceu a ela um saco plástico onde havia seis laranjas descascadas. Ela não o vira comprá-las.

Balançou a cabeça e disse: “Obrigada”.

“Coma uma. Vi que não comeu nada desde de manhã.”

Ela olhou para ele direito, pela primeira vez. Um rosto comum, com uma pele escura extraordinariamente lisa para um homem. Parecia um homem que queria subir na vida, tanto por sua camisa bem passada e sua gravata azul, como pela maneira cuidadosa com que ele falava inglês, como se tivesse medo de cometer um erro. Talvez ele trabalhasse para um dos bancos novos e estivesse ganhando mais dinheiro do que jamais imaginara que conseguiria.

“Não, obrigada”, disse ela. A mulher em frente virou-se para olhá-la e então voltou a conversar com algumas pessoas sobre um culto especial que se chamava Ministério do Milagre do Visto Americano.

“Você devia comer, ô”, disse o homem ali atrás, embora não estivesse mais com a sacola de laranjas na mão.

Ela sacudiu a cabeça de novo. A dor ainda estava lá, em algum ponto entre seus olhos. Era como se, ao pular da varanda, algumas peças tivessem se soltado dentro da sua cabeça, de modo que, agora, elas sacudissem dolorosamente. Pular não fora sua única opção, ela podia ter subido na mangueira, cujos galhos chegavam à varanda, podia ter corrido escada abaixo. Os homens estavam discutindo tão alto que haviam bloqueado a realidade, e ela chegou a acreditar, por um instante, que talvez

aquele estrondo não houvesse vindo da arma, talvez fosse aquele tipo de trovão traiçoeiro que soava no início do harmatã, talvez a mancha vermelha fosse mesmo dendê, e Ugonna houvesse pegado a garrafa de algum jeito e agora estivesse brincando de desmaiar, embora nunca houvesse brincado daquilo antes. Então as palavras dos homens a trouxeram de volta. *Você acha que ela vai dizer para as pessoas que foi um acidente? Foi isso que Oga nos mandou fazer? Uma criança pequena! Temos que atirar na mãe. Não, vai ser duas vezes pior. Sim. Não, vamos embora, meu amigo!*

Ela então correu para a varanda, subiu no parapeito e pulou sem pensar nos dois andares, rastejando para dentro da lixeira que ficava perto do portão. Após ouvir o ronco do carro deles se afastando, voltou para o apartamento, cheirando às cascas podres de banana-da-terra que estavam na lixeira. Segurou o corpo de Ugonna, pousando a face no peito silencioso dele, e se deu conta de que nunca sentira tanta vergonha antes. Fracassara em protegê-lo.

“Está nervosa com a entrevista do visto, *abi?*”, perguntou o homem atrás dela.

Ela deu de ombros, devagar para não machucar as costas, e forçou um sorriso vago.

“Apenas se esforce para olhar o funcionário da entrevista bem nos olhos quando ele estiver fazendo as perguntas. Mesmo se disser alguma coisa errada, não se corrija, pois eles vão presumir que está mentindo. Tenho muitos amigos que eles recusaram, por coisas muito pequenas. Eu vou pedir um visto de turista. Meu irmão mora no Texas e quero passar umas férias lá.”

Sua fala soava com a das vozes que estiveram ao redor dela, as pessoas que tinham ajudado na fuga de seu marido e no enterro de Ugonna, que a levaram à embaixada. Não hesite ao responder às perguntas, disseram as vozes. Conte tudo sobre Ugonna,

sobre como ele era, mas não exagere, pois todos os dias as pessoas mentem para obter asilo, falam de parentes mortos que nunca existiram. Faça Ugonna parecer real. Chore, mas não chore demais.

“Eles não dão mais vistos de imigrante para o nosso povo, a não ser que a pessoa seja rica para os padrões americanos. Mas eu ouvi dizer que as pessoas de países europeus conseguem vistos sem problema. Você vai pedir um visto de imigrante ou de turista?”, perguntou o homem.

“Vou pedir asilo.” Ela não olhou para o rosto dele; mas pode sentir sua surpresa.

“Asilo? Vai ser muito difícil de provar.”

Ela se perguntou se ele lia o *The New Nigeria*, se conhecia seu marido. Provavelmente conhecia. Todo mundo conhecia. Todos que apoiavam a imprensa pró-democracia conheciam seu marido, especialmente por ele ter sido o primeiro jornalista a dizer publicamente que a tentativa de golpe era uma farsa, a escrever uma matéria acusando o general Abacha de inventar um golpe para poder matar e prender seus oponentes. Soldados foram à redação do jornal e levaram grandes quantidades daquela edição num caminhão preto; ainda assim, fotocópias vazaram e circularam por Lagos — um vizinho tinha visto uma cópia colada na amurada de uma ponte, ao lado de cartazes anunciando marchas religiosas e novos filmes. Os soldados haviam mantido seu marido preso durante duas semanas e fizeram um corte em sua testa, deixando uma cicatriz em forma de L. Amigos haviam tocado com cuidado a cicatriz ao se reunir no apartamento deles para celebrar sua soltura, trazendo garrafas de uísque. Ela se lembrava de alguém dizendo para ele: *Vai ficar tudo bem na Nigéria por sua causa*, e se lembrava da expressão do marido, aquele olhar de messias excitado, como quando ele falou do soldado que lhe dera um cigarro após espancá-lo, sempre gaguejando,

como fazia quando estava alegre. Ela achava aquela gagueira cativante, anos atrás; agora, não mais.

“Muita gente pede asilo e não consegue”, disse o homem atrás dela. Falou alto. Talvez já estivesse falando há algum tempo.

“Você lê o *The New Nigeria*?”, perguntou ela. Não se virou para olhar para o homem. Em vez disso, ficou observando um casal mais adiante na fila comprando pacotes de biscoitos; os pacotes estalaram quando eles os abriram.

“Leio. Você quer um? Pode ser que os jornalheiros ainda tenham uma edição.”

“Não. Só estava perguntando.”

“Ótimo jornal. Aqueles dois editores são o tipo de gente de que a Nigéria precisa. Eles arriscam a vida para contar a verdade. Homens destemidos de verdade. Seria bom se tivéssemos mais pessoas com essa coragem.”

Não era coragem, era simplesmente um egoísmo exagerado. Há um mês, quando o marido dela se esquecera do casamento do primo, apesar de eles terem concordado em ser padrinhos, e dissera a ela que não podia cancelar a viagem até Kaduna porque sua entrevista com o jornalista preso lá era importante demais, ela olhara para ele, para aquele homem distante e obstinado com quem tinha se casado, e dissera: “Você não é o único que odeia o governo.” Ela fora ao casamento sozinha e ele fora para Kaduna e, quando voltou, eles trocaram poucas palavras; boa parte do que diziam passara a girar em torno de Ugonna, de qualquer maneira. Você não vai acreditar no que esse menino fez hoje, ela dizia quando ele chegava do trabalho, e então passava a contar em detalhes como Ugonna dissera que havia pimenta no cereal e que ele não ia mais comer, ou como ele a ajudara a fechar as cortinas.

“Então você acha que o que esses editores fazem é coragem?”, ela virou-se para olhar para o rosto do homem atrás dela.

“Claro. Não são todos que conseguem fazer isso. Esse é o verdadeiro problema deste país, não temos gente corajosa o suficiente.” Ele olhou-a longamente, com uma expressão virtuosa e desconfiada, como se estivesse se perguntando se ela fazia apologia do governo, se era uma daquelas pessoas que criticava os movimentos pró-democracia, que afirmavam que apenas um governo militar faria a Nigéria funcionar. Em outra circunstância, talvez ela houvesse falado de seu próprio trabalho como jornalista, que começara ainda na faculdade em Zaria, onde ela organizara um protesto contra a decisão do governo do general Buhari de cortar bolsas estudantis. Talvez houvesse contado que escrevera para o *Evening News* ali em Lagos; que fizera a matéria sobre a tentativa de assassinato do editor do *The Guardian*; que pedira demissão finalmente quando ficou grávida, pois ela e o marido tinham tentado durante quatro anos e seu útero era cheio de fibroides.

Ela virou de costas para o homem e ficou observando os mendigos fazendo a ronda ao longo da fila do visto. Homens famintos usando túnicas compridas e imundas, com terços islâmicos nas mãos, citando o alcorão; mulheres com olhos amarelados, levando bebês doentes amarrados às costas com panos puídos; um casal de cegos sendo guiado pela mão pela filha, com medalhas azuis da Virgem Maria penduradas em seus pescoços abaixo das golas esfiapadas. Um jornalista se aproximou, assoprando seu apito. Ela não viu o *The New Nigeria* entre os jornais que trazia pendurados no braço. Talvez já houvesse acabado. A última matéria de seu marido “O governo Abacha até agora: de 1993 a 1997” não a preocupara a princípio, pois ele não escrevera nada de novo, apenas compilara assassinatos, contratos não cumpridos e dinheiro desaparecido. Não era exatamente uma novidade para os nigerianos. Ela não imaginava que teria muitos problemas ou muita atenção, mas, apenas um dia depois de o jornal

sair, a estação de rádio BBC falara da matéria em seu noticiário e entrevistara um professor nigeriano de Política que dissera que seu marido merecia um prêmio de Direitos Humanos. *Ele combate a repressão com sua pena, dá voz a quem não tem voz, faz com que o mundo fique sabendo.*

O marido tentou esconder seu nervosismo dela. Então, depois que alguém deu um telefonema anônimo — isso acontecia sempre, ele era esse tipo de jornalista, o tipo que cultivava amizades pelo caminho — para dizer que o próprio chefe de estado estava furioso, não escondeu mais o medo; deixou que ela visse suas mãos trêmulas. Soldados estavam a caminho para prendê-lo, disse a pessoa ao telefone. Diziam que, se fosse preso, ele nunca mais voltaria. Ele entrou no porta-malas do carro minutos depois do telefonema, pois assim, se os soldados perguntassem, o vigia do portão poderia dizer honestamente que não sabia quando seu marido saíra. Ela levou Ugonna para o apartamento do vizinho e depois jogou um pouco de água sobre o porta-malas, embora seu marido a houvesse mandado se apressar, pois imaginou que um porta-malas molhado, por algum motivo, seria mais fresco, que ele iria poder respirar melhor. Ela levou-o até a casa do coeditor do jornal. No dia seguinte, ele ligou da República do Benim; o coeditor tinha contatos que o ajudaram a passar clandestinamente pela fronteira. Seu visto americano, aquele que ele tinha recebido ao ir fazer um curso de treinamento em Atlanta, ainda era válido, e ele pediria asilo ao chegar a Nova York. Ela disse a ele que não se preocupasse, ela e Ugonna ficariam bem, ela pediria um visto no final do semestre escolar e eles iriam encontrá-lo nos Estados Unidos. Naquela noite, Ugonna não parava quieto e ela deixou que ele ficasse acordado até mais tarde, brincando com um carrinho enquanto ela lia um livro. Quando ela viu os três homens arrombando a porta da cozinha, sentiu ódio de si mesma por não ter insistido que Ugonna fosse se deitar. Se tivesse feito isso...

“Ah, este sol não está fácil. Essa gente da embaixada americana deveria pelo menos construir uma sombra para nós. Poderiam usar um pouco do dinheiro que coletam com a taxa do visto”, disse o homem atrás dela.

Alguém atrás dele disse que os americanos coletavam dinheiro para uso próprio. Outra pessoa disse que era intencional deixar quem ia pedir visto esperando no sol. Outra riu. Ela fez um gesto para o casal de mendigos cegos e bateu na bolsa em busca de uma nota de vinte nairas. Quando a colocou na tigela, eles recitaram: “Deus lhe abençoe, a senhora vai ter dinheiro, vai ter bom marido, vai ter bom emprego”. Disseram isso em inglês pidgin, depois em igbo e em iorubá. Ela ficou observando os dois se afastarem. Não tinham dito “A senhora vai ter muitos bons filhos.” Ela os ouvira dizer isso para a mulher em frente.

Os portões da embaixada se abriram e um homem de uniforme marrom gritou: “Os primeiros cinquenta da fila venham preencher os formulários. Todos os outros, voltem outro dia. A embaixada só vai receber cinquenta pessoas hoje”.

“Nós temos sorte, *abi*?”, disse o homem atrás dela.

Ela olhou a funcionária da embaixada atrás do vidro, a maneira como seus cabelos castanho-avermelhados e ralos roçavam nas dobras do pescoço, a maneira como os olhos verdes examinavam os papéis por cima dos óculos prateados, como se eles fossem desnecessários.

“A senhora pode contar sua história de novo? Não me deu nenhum detalhe”, disse a mulher com um sorriso encorajador.

Essa, ela sabia, era a sua oportunidade de falar de Ugonna. Olhou por um instante para a divisória seguinte, onde havia um homem de terno escuro que se inclinava para o vidro com reverência, como se rezasse para o funcionário ali atrás. E se deu

conta de que morreria feliz nas mãos do homem de camisa de capuz preta, ou nas mãos do homem da careca brilhante, antes de dizer uma palavra sobre Ugonna para aquela mulher, ou para qualquer pessoa na embaixada americana. Antes de vender Ugonna por um visto para um lugar seguro.

Seu filho fora assassinado, era tudo que ela ia dizer. Assassinado. Não contaria que o riso dele, de alguma maneira, começava acima de sua cabeça, agudo e cristalino. Sobre como ele chamava doces e biscoitos de “pão-pão”. Sobre como agarrava seu pescoço com força quando ela o abraçava. Sobre como seu marido dissera que ele ia ser artista, pois não tentava construir nada com as pecinhas de Lego, apenas as dispunha uma ao lado da outra, alternando as cores. Eles não mereciam saber.

“Senhora? A senhora disse que foi o governo?”, perguntou a funcionária.

“O governo” era algo tão vasto que era libertador, dava às pessoas espaço para manobrar, dar desculpas, passar a responsabilidade adiante. Foram três homens. Três homens como seu marido, ou seu irmão, ou o homem atrás dela na fila do visto. Três homens.

“Sim. Eles eram agentes do governo”, disse ela.

“A senhora pode confirmar isso? Tem alguma prova?”

“Tenho. Mas enterrei ontem. O corpo do meu filho.”

“Senhora, eu sinto muito pelo seu filho”, disse a funcionária. “Mas preciso de alguma prova de que a senhora sabe que foi o governo. Existem brigas entre etnias diferentes, assassinatos cometidos por particulares. Eu preciso de provas do envolvimento do governo e de provas de que a senhora estará em perigo se continuar na Nigéria.”

Ela olhou para aqueles lábios rosa pálidos, que, ao se moverem, mostravam dentes minúsculos. Lábios rosa pálidos em um rosto inchado e cheio de sardas. Teve vontade de perguntar à

funcionária da embaixada se as matérias do *The New Nigeria* valiam a vida de uma criança. Mas não fez isso. Duvidava que a funcionária soubesse dos jornais pró-democracia ou das longas filas de pessoas cansadas diante dos portões da embaixada, em áreas delimitadas e sem sombra, onde o sol furioso fazia surgir amiza-des, dores de cabeça e desespero.

“Senhora? Os Estados Unidos oferecem uma nova vida para vítimas de perseguição política, mas é necessário haver prova...”

Uma nova vida. Foi Ugonna quem lhe deu uma nova vida, quem a deixou surpresa com a rapidez com que ela aceitou essa nova identidade que ele fez surgir, a nova pessoa que se tornou por causa dele. “Eu sou a mãe do Ugonna”, dizia ela na creche, para os professores, para os pais das outras crianças. No enterro dele em Umannachi, como suas amigas e parentes estavam usando vestidos da mesma estampa que ela, alguém perguntara “Qual delas é a mãe?”. Ela erguera a cabeça, alerta por um instante, e dissera “Eu sou a mãe do Ugonna”. Queria voltar para a terra natal de seus ancestrais e plantar pés de ixora, do tipo cujo caule, fino como uma agulha, ela chupara quando era criança. Bastaria um pé, o túmulo dele era tão pequeno. Quando ele ficasse florido, e as flores recebessem abelhas, ela queria colhê-las e sugá-las, agachada no solo. E depois, disporia as flores sugadas uma ao lado da outra, como Ugonna fizera com as peças de Lego. Aquela, ela entendeu, era a nova vida que queria.

Na divisória seguinte, o funcionário americano falava alto demais ao microfone. “Eu não vou aceitar suas mentiras, senhor!”

O homem nigeriano de terno escuro que viera pedir o visto começou a gritar e a gesticular, brandindo sua pasta de plástico transparente, abarrotada de documentos. “Isso está errado! Como vocês podem tratar as pessoas assim? Vou levar isso a Washington!” Ele gritou até que um segurança veio tirá-lo dali.

“Senhora? Senhora?”

Será que ela estava imaginando, ou a simpatia estava desaparecendo do rosto da funcionária? Ela viu o gesto rápido com que a mulher jogou o cabelo castanho-avermelhado para trás, embora ele não a estivesse incomodando, estivesse quieto sobre o pescoço, emoldurando o rosto pálido. O futuro dela dependia daquele rosto. O rosto de uma pessoa que não a compreendia, que não devia cozinhar com azeite de dendê, ou não devia saber que o azeite de dendê, quando estava fresco, tinha um tom muito, muito vermelho, e quando não estava, virava um creme laranja espesso.

Ela se virou devagar e caminhou para a saída.

“Senhora?”, disse a funcionária às suas costas.

Ela não se virou. Saiu da embaixada americana, passou pelos mendigos que ainda faziam as rondas esticando seus pratos esmaltados e entrou no carro.